



LHM

## A NARRATIVA COMO FORMA DE ARQUIVAMENTO E TESTEMUNHO: DO SOFRIMENTO REAL AO RECEPTÁCULO FICCIONAL

Airton Pott\* <sup>1</sup>

\* Universidade de Passo Fundo (UPF)  
e-mail: airton\_pott@yahoo.com.br

Ivânia Campigotto Aquino\* <sup>2</sup>

\* Universidade de Passo Fundo (UPF)  
e-mail: ivania@upf.br

**Resumo:** *K.: relato de uma busca*, o livro; Bernardo Kucinski, o autor; *Skoob*, a rede social onde se manifestaram alguns leitores. Estes são os integrantes dos *corpora* de nossos estudos e subsidiam nosso objetivo de investigar sobre a recepção de um livro que aborda a ditadura militar. Para tanto, ancoramos nossos estudos nas teorias da recepção de Jauss (1994), e da hermenêutica literária, aludidos por Zilberman (1989), e sobre o efeito estético, de Iser (1996a, 1996b, 1999a, 1999b). Também visitamos conceitos relacionados à teoria das mediações, principalmente de Martín-Barbero (1997), já que este aborda conceitos que julgamos fundamentais à nossa pesquisa e são, de certa forma, relacionados à estética da recepção. Também escalamos Figueiredo (2017) e Ricoeur (2007) para nos auxiliarem na compreensão de palavras voltadas à história, já que não é escopo da estética da recepção abordá-los. Por tratar-se de um livro com cunho relacionado à ditadura militar, período histórico, estes estudiosos nos ajudam na compreensão inclusive de alguns termos empregados pelos internautas da *Skoob*, receptores do livro *K.: relato de uma busca*. Conceitos, palavras e afirmações como *esquecimento*, *memória*, *lembranças*, *ausência*, *trauma*, e tantos outros termos que ajudam na retratação e rememoração de acontecimentos relacionados ao sofrimento de vítimas de um período como a ditadura militar auxiliam os leitores a expressarem suas leituras e compreensões realizadas a respeito de um livro como *K.: relato de uma busca*.

**Palavras-chave:** Narrativa. Memória. *K.: relato de uma busca*. Realidade. Ficção.

### Narrative as a form of archived and testimony: from real suffering to the fictional receptacle

**Abstract:** *K.: relato de uma busca*, the book; Bernardo Kucinski, the author; *Skoob*, the social network where some readers spoke out. These are the members of the *corpora* of our studies and support our objective of investigating the reception of a book that addresses the military dictatorship. To this end, we anchored our studies in the theories of reception by Jauss (1994), and literary hermeneutics, alluded to by Zilberman (1989), and on the aesthetic effect, by Iser (1996a, 1996b,

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela UPF/RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4714801667387527>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9809-1320>.

<sup>2</sup> Doutora e pós-doutora em Letras - Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9144020963534684>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9221-3473>.



1999a, 1999b). We also visited concepts related to the theory of mediations, mainly from Martín-Barbero (1997), as he addresses concepts that we consider fundamental to our research and are, in a certain way, related to the aesthetics of reception. We also used Figueiredo (2017) and Ricoeur (2007) to help us understand words focused on history, as it is not the scope of reception aesthetics to address them. As it is a book related to the military dictatorship, a historical period, these scholars help us to understand some terms used by *Skoob* internet users, recipients of the book *K.: relato de uma busca*. Concepts, words and statements such as *forgetfulness, memory, memories, absence, trauma*, and many other terms that help in portraying and remembering events related to the suffering of victims of a period such as the military dictatorship help readers to express their readings and understandings. about a book like *K.: relato de uma busca*.

**Keywords:** Narrative. Memory. *K.: relato de uma busca*. Reality. Fiction.

### Considerações iniciais e conceitos fundamentais: história e memória(s)

Diante de um corpo sem vida, familiares e amigos choram a perda daquele ente. Afinal, “a perda do outro é, de certa forma, perda de si mesmo e constitui, assim, uma etapa no caminho da ‘antecipação’.” (Ricoeur, 2007, p. 370-371). Mas imaginemos o sofrimento ainda maior daquelas pessoas cujo familiar desapareceu e o corpo nunca mais foi achado ou apareceu sem vida de forma inesperada, inexplicável e no mínimo um tanto quanto estranha. Parece absurdamente irreal ou ao menos longe da nossa realidade, mas no período da ditadura isso era comum. Logo, separamos um tempo e algumas linhas para entender melhor esse período violento que perpetuou por mais de duas décadas no nosso país.

Para entendermos o que foi a ditadura militar é pertinente abordarmos sobre como ela começou. 1964 foi o ano, e para muitas pessoas, sobretudo às vítimas daquele tempo, 1º de abril foi o dia decisivo, que marcou o início de um período de perseguições e sofrimento. Conforme Santos (2016, p. 37),

1º de abril de 1964: não há dúvidas de que essa data marcou a história republicana brasileira e que o significado dos eventos associados a ela – a derrubada do governo constitucional de João Goulart e a subsequente instalação de um regime de exceção presidido por militares – tem sido, de maneira mais ou menos intensa de acordo com a conjuntura política, alvo de disputas.

Já podemos perceber o porquê da presença do adjetivo *militar* empregado após a palavra *ditadura* em muitos textos. Afinal, a ditadura militar foi um período em que militares perseguiram pessoas que iam contra os princípios deles. Figueiredo (2017, p. 14) parte “da premissa de que o golpe de 1964 foi um atentado à legalidade e à constituição,



instaurando um regime de exceção, em que as liberdades democráticas eram tolhidas por um regime opressor.”.

Além de opressor àqueles que queriam liberdade, sobretudo de escolhas e opiniões, e direitos democráticos, “o golpe de 1964 inaugurou o mais longo período ditatorial da história republicana brasileira: foram 21 anos de governo militar e 25 de eleições presidenciais indiretas.” (Santos, 2016, p. 19). Dessa forma, podemos perceber que a ditadura militar ficou assim conhecida devido ao fato de ter como cerne a imposição de uma unicidade – a do militarismo. Nas palavras de Fico (2004, p. 38),

Além disso, o silêncio com que empresários, em outras fases da ditadura, assistiram ao abandono da cartilha liberal, sobretudo com o incremento do intervencionismo e da estatização, também indica que, se podemos falar de um golpe civil-militar, trata-se, contudo, da implantação de um regime militar – em duas palavras: de uma ditadura militar.

Destarte, quem se opusesse aos preceitos militares era, de uma ou outra maneira, silenciado. Para eles, o caminho era um só – o do interesse deles. E se as pessoas eram perseguidas quando iam contra os preceitos do regime militar, para os empresários e os profissionais da comunicação diferente não haveria de ser. Desse modo, “o silêncio também foi a forma pela qual a ditadura militar tentou ocultar, durante algum tempo, a existência da censura na imprensa.” (Fico, 2004, p. 87). O que acontecia para quem se opunha contra tal imposição? Bezerra (2014, p. 35) evidencia em uma frase: “os críticos ao regime militar foram presos, torturados, assassinados, sequestrados ou forçados ao exílio.”.

Caracterizemos, então, tais atos violentos como uma maneira de abuso de poder, o que nos reporta a Fico (2004, p. 83. Grifos do autor), quando ele nomeia o regime militar, de uma forma amena e apaziguadora, como independente: “A *independência* com que trabalhavam, tomando a iniciativa de investigar, prender e torturar este ou aquele indivíduo, pressupunha exatamente estas etapas: investigação, prisão e tortura para obter revelações rapidamente.”. A fim de reforçar tais ações do regime militar, também é conveniente citarmos tal ato nas palavras de Bezerra (2014, p. 38), que vai chamar esse conjunto de *prática repressiva*:

Cumpramos ressaltar que essa prática repressiva funcionou como uma peça chave para o regime militar, uma vez que lhe permitiu impor a submissão, a fuga, a



segregação ou a eliminação de qualquer indivíduo que tentasse resistir ao seu discurso totalizador. As torturas eram conduzidas mediante agressão física e pressão psicológica.

Essas experiências de torturas, tanto física quanto psicológica, bem como de isolamento, remetem a uma falta de perspectivas para os torturados mediante um mundo em que preponderava o absurdo e a falta de leis e de ética. Estas, foram causas da luta travada por aqueles conceituados como militantes e comunistas. Como Figueiredo (2017, p. 14) muito bem coloca, “foi contra a falta de liberdade que muitos lutaram.”.

Precisamos, porém, ter inteligibilidade mediante ao fato de essa luta não ter sido travada de frente, como em uma guerra por exemplo. Fico (2004, p. 15) nos reforça tal asseveração: “já são bastante conhecidos os episódios que marcaram o golpe de 1964, que não se caracterizou por combates cruentos, mas, ao contrário, por lances burlescos, sendo talvez o mais notável o fato de ter-se iniciado contra a vontade daqueles que o tramavam.”.

Notoriamente, o regime militar não foi bem aceito e fugiu do controle do militarismo, o que resultou na revolta dos cidadãos, sobretudo da juventude, fato que nos é ressaltado por Figueiredo (2017, p. 15): “homens e mulheres, a grande maioria muito jovens, foram barbaramente torturados, alguns foram mortos, em nome da democracia, quando o regime era tudo menos democrático.”. Em outras palavras, tínhamos em oposição à ditadura militar não guerrilheiros, e sim jovens, que sonhavam em ter um futuro, estudos, carreira promissora, liberdade de pensamento, de expressão e ação. Tais fatos também foram abordados por Santos (2016, p. 96) em seus estudos, porém com direcionamento para o ano de 1968:

Após o golpe, o ápice da mobilização estudantil de massas se daria no ano de 1968, sob o influxo da conjuntura internacional, passando posteriormente por um período de decréscimo resultante da repressão policial, da desarticulação das entidades e da prisão e perseguição de algumas lideranças. Ao mesmo tempo, a luta armada passava a se consolidar como a opção política preferencial de parte significativa da esquerda organizada enquanto a clandestinidade se impunha aos seus membros.

Como é enfatizado na citação anterior, as prisões e perseguições levavam muitos a se esconderem ou até mesmo a saírem do país. Com medo de enfrentar os militares, a fuga foi a saída que muitos acharam no período de perseguição aos militantes, sendo que



também assim a repressão militar desarticulava os grupos. No entanto, conforme evidenciamos anteriormente, para muitos, sobretudo os estudantes, seria covardia e abandono não lutar pelos seus direitos, e, para não abandonarem seus princípios, achavam no enfrentamento, mesmo na maioria das vezes às escondidas, a saída.

O fato de terem sido “batalhas” às escuras contribuiu para que os militares ocultassem os fatos de perseguição, tortura e morte. Logo, os reais desaparecimentos e causas das mortes de muitos perseguidos e torturados não foram revelados, o que resultou também em uma “carência de fontes documentais.” (Fico, 2004, p. 20). Obviamente, os militares foram os grandes responsáveis pelo desaparecimento de inúmeros documentos que denunciavam tais atos. Eles também não se esmeraram em silenciar os jornalistas:

Os acontecimentos político-militares de 1964 haviam siderado os jornalistas, como costuma acontecer até hoje, quando as páginas de política dos jornais quase sempre se restringem ao acompanhamento dos gestos e opiniões dos mandantes do momento dos poderes Executivo e Legislativo. Naquela ocasião, mais do que isso, havia o componente explosivo da conspiração e da ação militar, pequeno espetáculo de “batalha” que raramente tivemos na história do Brasil, por conta disso tida como incruenta. (Fico, 2004, p. 27).

Diante desse paralelismo entre o período do regime militar e os dias de hoje feito por Fico (2004), percebemos a repressão sofrida não só pelos jornalistas, mas também por demais intelectuais, executada pelos militares, os quais queriam ter controle de todas as situações sem que houvesse disseminação de tais fatos para a sociedade. No entanto, “se no contexto da redemocratização esses militares estavam querendo esquecer o passado, a esquerda, por sua vez, queria narrar sua experiência e denunciar os crimes cometidos pelo Estado.” (Santos, 2016, p. 42).

Dado o exposto, após o período do regime militar, enquanto os militares tentavam apagar os vestígios da ditadura, os da esquerda queriam informar o maior número possível de cidadãos sobre o que aconteceu entre 1964 e 1985. Sendo assim, entre ocultamento de arquivos por uns e busca e disseminação de informações por outros estabeleceu-se, no pós-regime militar, uma busca constante por registros, sejam quais fossem, que denunciassem o que aconteceu nesse período traumático que foi a ditadura militar. Segundo Figueiredo (2017, p. 26-27),



No Brasil o único lugar de memória dedicado à ditadura é o Memorial da Resistência de São Paulo, que ocupa parte da Estação Pinacoteca, no prédio que abrigou o DEOPS/SP, onde podem ser encontrados documentos e objetos provenientes do antigo DEOPS. Embora o local se caracterize por ser uma prisão por onde passaram presos políticos, que ali foram torturados, o museu enfoca mais a resistência à ditadura do que a dor e a vitimização.

Diante dos fatos, constatamos que pouco chegou a nós sobre o que tudo aconteceu em meados da ditadura militar, sendo que, além do mais, muito disso não enfatiza a questão das famílias enlutadas. Vale, porém, mencionarmos o fato de que estas, segundo Santos (2016), organizaram redes de solidariedade apoiadas pela igreja católica e, juntas, “criaram importantes instrumentos de luta e resistência como as missas em homenagem a mortos pela ditadura que chegaram a reunir milhares de pessoas durante os períodos mais duros da repressão.” (Santos, 2016, p. 42-43).

Conjecturamos, desse modo, que a busca dos familiares pela igreja está embalsamada na vontade de cumprir o protocolo ritualístico de passagem da alma desse mundo para outro, ou seja, para que os mortos possam descansar em paz. Na igreja também encontrariam conforto e consolação, bem como possível cicatrização dessa parte deles perdida: “quanto à perda, a separação como ruptura da comunicação – o morto, aquele que não mais responde – constitui uma verdadeira amputação do si mesmo, na medida em que a relação com o desaparecido faz parte integrante da identidade própria.” (Ricoeur, 2007, p. 370).

Enfim, seja como for, “o trabalho de investigação e divulgação do que ocorreu nos porões da ditadura é um dever de memória em relação às vítimas e seus familiares e à sociedade em geral.” (Figueiredo, 2017, p. 13). Ademais, sondar sobre a ditadura, mas em um viés voltado para as vítimas dela – os sofrimentos, as torturas, o sangue e os choros derramados – requer entendermos o que é a memória voltada para tais fatos e, também, o temeroso esquecimento, aquele que é receado principalmente pelos donos das memórias e das lembranças sobre a ditadura.

À face disso, concluímos que tais percepções de Ricoeur (2007) e Figueiredo (2017), assim como inúmeras outras mencionadas anteriormente, coincidem com a teoria da recepção de Jauss (1994) e Zilberman (1989) e do efeito estético de Iser (1996, 1999). Por isso, para compreendermos mais sobre os registros referentes às memórias da ditadura sob a ótica do leitor e da recepção de obra por meio deste, aprofundamos tais teorias em



nossos estudos. No entanto, essas teorias trazem termos próprios delas, e, portanto, contribuem para um estudo mais contundente e intensificado nas especulações aqui pleiteadas, o que nos motiva a uma nova seção voltada para tais investigações.

### Hermenêutica literária e proposta metodológica

O texto, principalmente o literário, pode também instigar a imaginação de histórias, as quais são atualizadas pelo leitor. Dessa forma, as informações contidas no texto lido são revividas e (re)condicionadas por intermédio do leitor. Uma vez que o texto guarda informações, cabe ao leitor apreender sua composição, articulada estrategicamente pelo autor. Afinal, é o autor quem “predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário.” (Zilberman, 1989, p. 34).

Portanto, o caráter recepcional do texto está diretamente ligado ao imaginário do leitor, haja vista que “o imaginário desenvolve-se como postulação, ruptura e transforma-se-em-outro (*Anderswerden*), de modo que toda determinação se comprova sempre como fenômeno produzido, e não originário.” (Iser, 1999a, p. 248). Dessa maneira, o que resulta do processo imaginativo é possibilitado pelo autor e pelo texto, que forneceram subsídios para que a imaginação se tornasse possível. No entanto, esta nova imaginação realizada pelo leitor é um rompimento, algo novo, transformado em outro, pois na perspectiva do autor era diferente, indeterminado e talvez até desconhecido.

Segundo Jauss (1994, p. 97), “se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte de *representação*.”. Em razão disso, representar algo no texto literário é apenas uma das possibilidades na literatura, visto que entre a primeira e a última palavra de um texto está um mundo novo, um mundo único.

Essa percepção de Jauss (1994) sobre a literatura e sua representação enfatiza que nesse mundo novo pode inclusive haver o indistinguível entre o real e o ficcional. No entanto, na maioria das vezes isso é algo percebido como positivo pelos leitores, pois essa pode ser uma das inúmeras estratégias selecionadas pelo autor quando escreveu o texto. Tais recursos do escritor podem ser associados aos três níveis textuais evidenciados por Iser (1999b, p. 20), já que estão interligados às lacunas do texto:



Porém, a frequência das lacunas pode, também, ser significativa para outro tipo de classificação de níveis textuais. Podem predominar no nível sintático – ou seja, no sistema reconhecível de regras responsável por dispor os padrões textuais numa ordem premeditada. Podem predominar no nível pragmático – ou seja, na intenção buscada. Ou podem, finalmente, predominar no nível semântico – ou seja, na produção de sentido, que é a tarefa primeira do leitor. Qualquer que seja a distribuição de lacunas em cada um dos níveis, elas terão diferentes consequências no processo de direcionamento do leitor, o qual depende, em grande parte, do nível textual específico no qual predominam.

A partir das ressalvas feitas anteriormente, reforçamos que os mecanismos usados pelo autor e relacionados aos três níveis têm também um propósito representativo para o leitor, uma vez que eles direcionam este. Nesse direcionamento estão implícitos vários propósitos: registrar, arquivar, informar, testemunhar, representar o mundo real. Cabe, porém, aos leitores identificarem as informações e fazerem inferências sobre as intenções do autor lançadas por ele através das palavras, as quais são, portanto, pistas deixadas aos receptores do texto. Esses vestígios deixados pelo autor almejam a uma imaginação fértil do receptor do texto.

Dentre as finalidades incontestáveis do texto destacamos a de que os textos ficcionais “são instrumentos que ajudam a resolver problemas e que serviam [...] na era moderna, para a extensão da mente humana.” (Iser, 1996a, p. 124). Essa compreensão de Iser (1996a) permite caracterizar o texto como extensão da mente humana porque faz com que o texto percorra caminhos diferentes, ou seja, guarda informações até então desconhecidas ou, pelo menos, ainda não evidenciadas.

Por meio da leitura de Iser (1999a) já compreendemos que o leitor faz suas próprias percepções ao realizar a leitura e a atualização das informações contidas no texto. Já em Zilberman (1989) encontramos uma síntese da proposta metodológica da hermenêutica literária, que é voltada para o efeito e a recepção de um texto.

No entanto, a hermenêutica literária está inserida em uma corrente de estudos ainda mais abrangente, que é a hermenêutica propriamente. Como não é nosso objetivo, porém, aprofundar sobre a hermenêutica, não abordamos Heidegger, o pai dela. Detemo-nos aos estudos de Gadamer (2014) a respeito da hermenêutica filosófica, pois ele acrescenta a estes estudos considerações sobre a linguagem, o que a tornou progenitora da hermenêutica literária, a qual tem como mentor Jauss e sua teoria originária na Escola de Constança.



Gadamer (2014, p. 497) afirma em seus estudos sobre a hermenêutica filosófica que “A linguagem é o meio em que se realizam o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre a coisa em questão”. A partir disso, portanto, podemos afirmar que a linguagem é o que torna possível a conversação, ou seja, a comunicação entre dois ou mais sujeitos, sobretudo por intermédio de um texto.

A linguagem e seu caráter são determinantes na realização hermenêutica. Segundo Gadamer (2014, p. 512), “a compreensão já é sempre interpretação, porque constitui o horizonte hermenêutico no qual ganha validade a intenção de texto”. Se o texto pode ser interpretado pelo leitor, e conseqüentemente compreendido, isso tudo é possível graças à linguagem usada pelo autor naquele texto, sendo que o leitor também conhece ela a fim de que possa ler as informações ali contidas e escritas por outro sujeito.

Com base nisso, direcionamo-nos à hermenêutica literária, o pilar de sustentação dos nossos estudos analíticos, haja vista que ela é o método de análise da própria teoria do efeito estético e da recepção, conforme esclarece Zilberman (1989), analisadora dos estudos de Jauss inclusive a respeito da proposta da hermenêutica literária. Afinal, ela enfoca o leitor e suas instâncias, e, como lembra Zilberman (1989, p. 62), é “a ciência geral da interpretação.”.

Desse modo, conforme Zilberman (1989, p. 63), “não se pode entender a hermenêutica literária fora do quadro da experiência propiciada pela obra de arte, quando acontece o efeito estético”. Em outras palavras, a hermenêutica literária é a experiência do leitor diante do texto e do efeito estético causado por ele. Afinal, sendo sua base a interpretação, a hermenêutica literária tem sua razão de ser na recepção do texto, uma vez que este possui forma e conteúdo, que permitem e condicionam o efeito estético no leitor.

Zilberman (1989, p. 12) também enfatiza que a metodologia da estética da recepção tem “muito para ensinar ao leitor, encarado como o principal elo do processo literário”. Em outras palavras, para a estética da recepção o sujeito ativo é o leitor, receptor do texto, que é o veículo de comunicação.

Na perspectiva da estética da recepção do texto, há uma reciprocidade entre a obra e o leitor, uma troca é feita entre ambos. Enquanto de um lado “a obra provoca determinado efeito [*Wirkung*] sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua recepção [*Rezeption*].” (Zilberman, 1989, p. 64).



Assim, o objetivo da estética da recepção “é estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção.” (Zilberman, 1989, p. 17). Em outras palavras, a estética da recepção tem como alvo principal o leitor. No entanto, isso não significa que ela desconsidera o autor. Afinal, foi ele quem escreveu o texto e certamente pensou no possível público de sua produção.

Além disso, “um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor.” (Zilberman, 1989, p. 19). Isso significa que o leitor – destinatário do objeto estético – é impactado na recepção do texto. Logo, o “choque” no receptor do texto é motivado pelo próprio texto.

Segundo Zilberman (1989, p. 26), “assim, o significado da obra depende totalmente dos sentidos que o leitor deposita nela”. Portanto, se existe mais de um leitor, é possível que sejam depositados na obra diferentes sentidos por cada um deles, e é próprio que o texto possibilita e condiciona essas recepções devido ao seu caráter estético, uma vez que também este “depende do destinatário: se este não o vivencia como obra de arte e busca aí outro tipo de experiência (uma informação, por exemplo), o texto perde sua qualidade artística.” (Zilberman, 1989, p. 26).

Se o leitor é um sujeito que deve vivenciar o texto, “a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo [...]” (Zilberman, 1989, p. 34). Dessa maneira, o texto – objeto estético – é compreendido conforme o contexto social em que o sujeito está inserido, contexto esse também marcado pela inserção tanto do texto quanto do seu receptor no tempo. Diante desse caráter temporal,

A estética da recepção [...] recupera a historicidade da literatura, nascida de seus intercâmbios com o público; e chega a esse resultado por restabelecer a relação, rompida pelo historicismo, entre o passado e o presente, condição imprescindível para a reconciliação entre os aspectos estético e histórico de um texto. (Zilberman, 1989, p. 33).

Como pode ser visto, esses “intercâmbios com o público” abordados por Zilberman (1989) permitem que ocorra a recepção do texto, o que resgata a historicidade da literatura.



Logo, tem-se aí uma relação entre o caráter estético e o histórico de um texto voltado para a sua estrutura e também para o jogo entre o presente e o passado nele encontrado. Afinal, “não se trata, pois, de tentar imitar a perspectiva do passado, objetivo na realidade impraticável; nem o contrário, de modernizar o significado do texto, o que o falsearia.” (Zilberman, 1989, p. 33).

Dado o exposto, frisamos que “o texto provocador da estética da recepção e de uma nova história da literatura apresenta-se rico de intenções, caracterizando a globalidade e abrangência do projeto.” (Zilberman, 1989, p. 39). Tendo em vista que o texto é encarado como um “projeto”, ele, intencionalmente, desencadeia efeitos no leitor mediante a recepção realizada por este. Portanto, o leitor é alguém já “prefigurado pelo texto.” (Zilberman, 1989, p. 65), ou seja, ele já foi imaginado pelo texto e seu criador.

Dessa forma, o texto possui valores mutáveis conforme o tempo e as características de cada leitor. A isto, Zilberman (1989, p. 48) também acrescenta que a temporalidade do texto “expressa-se na aptidão a oferecer novas respostas ao público.”. Enquanto o texto fornece respostas ao leitor, este imprime significado ao que está escrito conforme suas vivências e seus conhecimentos prévios, dotados de uma formação histórica e social, o que faz com que haja no texto um “empenho em conferir ao leitor um lugar mais ativo e à literatura uma importância social que ultrapasse o papel reprodutor, atribuído a ela pelos enfoques marxista e/ou da sociologia da literatura.” (Zilberman, 1989, p. 50).

Essa atribuição de um lugar mais ativo ao leitor faz com que haja um relacionamento dele com o texto, pois se este se comunica com o seu receptor, ele “passa-lhe normas, que, enquanto tais, são padrões de atuação. Porque a recepção representa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo com uma obra, o leitor tende a se identificar com essas normas, transformadas, assim, em modelos de ação.” (Zilberman, 1989, p. 50).

Encarado como obra de arte, o texto possibilita informações ao leitor, o que desencadeia sensações, emoções a partir do envolvimento entre ambos. Portanto, “a função social da arte advém da possibilidade de influenciar o destinatário, quando veicula normas ou quando as cria.” (Zilberman, 1989, p. 50). É natural que essa criação e veiculação de normas ocasione alterações em seu receptor, o que ocorre graças às ações e compreensões do leitor diante do texto.

Em linhas gerais, reforçamos o fato de que o texto, como salienta Zilberman (1989, p. 76), “motiva o retrospecto, obrigando o leitor a interpretar os acontecimentos.”. Estes



acontecimentos são apresentados, no texto, por meio de enigmas que “são plantados durante esse percurso e precisam ser reexaminados, a fim de alcançarem o sentido e a coerência do relato.” (Zilberman, 1989, 76).

A respeito dos enigmas, Zilberman (1989) também enfatiza que eles são colocados ao longo do texto em pontos estratégicos e têm a função de despertar a atenção do leitor. Inseridos ao longo do enredo, portanto, os enigmas tendem a interferir na trama e no desencadear das personagens ao longo da história, cujo propósito vai ao encontro do desmascaramento dos mistérios envoltos no texto.

Capaz de envolver o leitor no texto, “A escolha do herói não é aleatória; [...] Os heróis se definem, portanto, não apenas por suas ações, mas pelas respostas desencadeadas no público, razão pela qual vêm a constituir o fio teórico escolhido pelo Autor.” (Zilberman, 1989, 59). Uma vez que é a constituição do fio teórico que vai desencadear a trama e ajudar o leitor na resolução dos enigmas, cabe ao receptor da obra compreender essas informações. Para tanto, é essencial que o leitor se envolva com os personagens, sobretudo os heróis, razão pela qual a escolha destes não pode ser aleatória.

Além disso, “o leitor, fora dos eventos, pode pesar os fatos e avaliá-los.” (Zilberman, 1989, 84). Com isso, a estudiosa em questão ratifica que uma das funções do leitor, sujeito externo ao texto, é avaliar o que está escrito, concordando ou não com o que está ali registrado. Essa incumbência dada ao leitor permite o “o alargamento do horizonte da pura representação ficcional, aumentando as possibilidades de compreensão do mundo ali traduzido.” (Zilberman, 1989, 87). Afinal, a compreensão do que está impresso no texto é realizada pelo leitor, o qual interpreta as informações ali contidas também conforme seus conhecimentos prévios, já que a representação ficcional aumenta as possibilidades de identificação, compreensão e interpretação.

Nesse contexto, insere-se o fato de que “o leitor é também uma figura histórica: seu horizonte, delimitado pelas possibilidades de aceitação de uma obra, impõe restrições à liberdade de criação dos escritos.”. (Zilberman, 1989, 99). O que a autora afirma é que o leitor é composto por uma trajetória histórica, social e cultural que interfere no processo de recepção de uma obra, a qual está condicionada, assim, também às características do leitor, sujeito que realiza a interpretação das informações contidas no texto.

Em linhas gerais, o que Zilberman (1989) ressalta é que, se por um lado o leitor possui sua própria formação histórica e cultural, que influencia na recepção do texto, por



outro, este condiciona as compreensões conforme as informações que constam ali. Tal processo é chamado por Zilberman (1989, p. 65) de “mão dupla”, e é isso que enfatiza a estética da recepção, por meio de metodologias como a hermenêutica literária:

Enquanto conjunto de ideias, a estética da recepção apresenta coerência de concepções e organização interna, introduz uma terminologia, ainda que importe boa parte do vocabulário da hermenêutica, e explicita sua metodologia. Reconhece alguns de seus limites e, ao mesmo tempo, procura ampliar sua abrangência, incorporando concepções que permitem esclarecer sobretudo as relações entre a literatura e a vida prática. (Zilberman, 1989, p. 108)

Dito de outro modo, a metodologia vinculada à estética da recepção permite verificar as compreensões do leitor diante da literatura e das relações desta com a vida do sujeito. Dessa forma, “a obra literária, mesmo não programaticamente, oferece indicações de ação que correspondem ou não a comportamentos já existentes.” (Zilberman, 1989, p. 51-52). Tal fato está condicionado à aceitação ou não das informações contidas ali, e nisso está inserido o seu caráter de influência. Essas indicações de ações atuam “sobre o indivíduo mais por influenciá-lo indiretamente que por transmitir-lhe uma mensagem.” (Zilberman, 1989, p. 52).

Nessa relação entre texto e leitor está o fato de que “a valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário.” (Zilberman, 1989, p. 110). Esse destinatário, o leitor, valoriza a experiência estética do texto por meio da leitura e das compreensões e relações estabelecidas graças à recepção do texto.

Diante de seu caráter interacional, a obra, “quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que, pela simples razão de provir de um outro, difere do seu. É solidária e diferente ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais.” (Zilberman, 1989, p. 110). Dessa forma, o texto é um convite ao leitor para participar de horizontes que envolvem uma troca de relações sociais. Nessa perspectiva, “o leitor evidencia-se como pertencendo ao texto, um componente seu a quem compete acompanhar a partitura apresentada pelo autor.” (Zilberman, 1989, p. 99).

O texto, portanto, tem informações escritas e fixadas por um autor. No entanto, o leitor atualiza essas informações contidas no texto conforme suas vivências e seus



conhecimentos, que é o que Zilberman (1989, p. 65) chama de “fusão de horizontes, equivalente à concretização do sentido”.

Nessa fusão de horizontes há dois lados, sendo que em um deles, segundo Zilberman (1989, p. 65), “situa-se o efeito, condicionado pela obra que transmite orientações prévias e, de certo modo, imutáveis, porque o texto conserva-se o mesmo, ao leitor.”. Em outras palavras, salientamos que há informações fixadas pelo autor no texto e que não podem ser mudadas pelo leitor, receptor da obra.

Entretanto, há o outro lado, que é o da “recepção, condicionada pelo leitor, que contribui com suas vivências pessoais e códigos coletivos para dar vida à obra e dialogar com ela.” (Zilberman, 1989, p. 66). Como podemos perceber a partir dessa afirmação, o leitor, por ser sujeito de ação, interage com o texto e pode estabelecer relações a partir dele e confrontá-lo e/ou compará-lo com outras informações, outros conhecimentos que ele já possui.

Diante disso, vislumbrando a estética e a recepção do texto, a hermenêutica literária é composta por três etapas: “a compreensão, a interpretação e a aplicação.” (Zilberman, 1989, p. 66). Logo, cada uma das etapas da leitura contribui para que o leitor consiga aprender com ela e estabeleça relações com o que já conhece e experienciou. No entanto, cada uma das etapas da leitura possui suas próprias e particulares funções. A primeira etapa da leitura é a compreensão. Conforme Zilberman (1989, p. 68),

A compreensão, decorrente da percepção estética, é também o ponto de partida do processo de leitura, composto de três momentos sucessivos. A fase seguinte, posterior à da leitura compreensiva, é a da leitura retrospectiva, quando se dá a interpretação.

Dessa maneira, a interpretação é a sequência daquilo que a compreensão possibilitou ao leitor a partir das informações contidas no texto. Segundo Zilberman (1989), a interpretação é o processo de assimilação do que foi lido e compreendido no texto, engajado às informações contidas no texto e com o exterior a ele, ou seja, às vivências e aos conhecimentos já de posse do leitor, sobretudo vinculados às percepções espaciais e temporais.

Ainda conforme Zilberman (1989), enquanto a compreensão é a assimilação inicial da leitura, a interpretação é a consequência da compreensão relacionada às vivências e demais informações do leitor, o que resulta na aplicação dessa leitura, ou seja, na



concretização da relação das informações do texto com aquilo que o leitor já conhece. Nesse contexto, surge o momento “da leitura histórica, que recupera a recepção de que a obra foi alvo ao longo do tempo. Hermeneuticamente, corresponde à etapa da aplicação.” (Zilberman, 1989, p. 69).

A aplicação é, portanto, o processo em que o leitor verifica, após a compreensão e a interpretação, o lugar e o tempo do texto e até dele mesmo na cadeia temporal. Tais identificações ocorrem graças às inferências que situam o *eu* com relação ao *outro*. Dessa maneira, só é possível existir um *eu* em determinado espaço e tempo se existem *outro(s)* espaço(s) e tempo(s). Nas palavras de Zilberman (1989, p. 69), “a etapa da aplicação é indispensável, porque durante a leitura reconstrutiva o intérprete verifica seu lugar na cadeia temporal.”.

Como podemos perceber, à leitura estão imbricadas operações que o leitor realiza por meio do processo recepcional. Foi pensando nisso que Zilberman (1989) contemplou estudos sobre a hermenêutica literária – proposta metodológica voltada ao leitor, receptor do texto, que, aliás, influencia seu(s) leitor(es) por meio da sua forma e de seu conteúdo. Portanto, Zilberman (1989, p. 103) nos informa que a teoria recepcional enfoca “três aspectos: o conceito do leitor, a visão do texto literário e o alcance do trabalho.”.

Diante disso, concluímos que, como o leitor possui suas particularidades, cada um tende a compreender a obra conforme seus conhecimentos e sua cultura. Assim, a tendência é de que cada leitor interprete de maneiras diferentes o texto, que é um dos fatores que nos motiva a realizar os estudos analíticos de diferentes recepções por distintos públicos. Nessa conjuntura, selecionamos *K.: relato de uma busca* como a obra a ser considerada para análise, e sua recepção pelos internautas da *Skoob*, que se manifestaram por meio de suas resenhas.

Sendo assim, tendo como temática de sua narrativa a história de um pai que busca por sua filha desaparecida durante a ditadura militar, *K.: relato de uma busca* guarda em suas páginas muitas informações reveladoras, inclusive baseadas em fatos reais. Muito há neste livro de Kucinski para ser identificado pelos seus leitores, e é isto que pretendemos averiguar por meio dos comentários de internautas da *Skoob* a respeito de *K.: relato de uma busca*, principalmente a relação com a realidade, sobretudo a do próprio Kucinski e de sua família, demarcando os traços autobiográficos encontrados nesse romance.



## A recepção das memórias e da narrativa: manifestos dos leitores, internautas da *Skoob*

Mesmo o texto literário tendo sua referência em acontecimentos reais, o fato de sua ficcionalização faz com que haja uma ressignificação de sentidos. Conforme Iser (1996b, p. 11) e sua teoria do efeito estético, “o texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida.”. Esse novo acontecimento implica em um novo discurso, pois um novo contexto surge.

Contudo, se o discurso é um elemento ativo, foi – e ainda é – necessário encontrar diferentes formas de propagar as informações por meio dele. Os textos narrativos, ficcionais, portanto, foram uma possibilidade encontrada para esses fins. No entanto, como as histórias são chocantes, resultantes de vivências de traumas, poderiam não ter uma boa recepção por parte do público receptor de tais obras. Afinal, sabemos que os leitores não são todos iguais, com mesmos gostos, costumes e percepções. E, assim, passamos, agora, a analisar, individualmente, algumas resenhas de internautas da *Skoob* que enfocaram sobre a memória, o caráter de testemunha da ditadura, e principalmente a realidade representada em *K.: relato de uma busca*, começando pela resenha representada a seguir.

Figura 01 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

um relato sincero e duro. Talvez nem tão duro assim mas...  
Talvez esta seja a ficção mais real que ja tenha lido. Estes universos caminham de mãos dadas do inicio ao final. Escrita de fácil assimilação, sem grandes pontos de viradas ou heróis. Deve ser

Fonte: SKOOB, 2019.

“Um relato sincero e duro. Talvez nem tão duro assim mas...” é o título empregado pelo internauta da *Skoob*, autor do fragmento do breve comentário representado na Figura 01. O comentário já revela que este leitor de Kucinski caracteriza *K.: relato de uma busca* como um “relato”, o que o aproxima da concepção de realidade, haja vista que esta palavra é associada a uma representação, a uma exposição baseada em algum acontecimento, que, no caso, é algo *sincero* e *duro*, segundo o participante da rede *Skoob*.



Ao termos o real como motivador e a ficção como a representação disso, como modificação, nem melhorada e nem piorada, mas com novas características, podemos pensar ambos como ídolos, um do outro. Segundo Iser (1996b, p. 129), “a representação se reduz ao ídolo, quando se trata de penetrar em um estar-no-meio no além, intramundano em relação à mente, ou seja, na natureza.”. Portanto, o ídolo tem a ver com a natureza, o real, o estar-no-meio, no além, ou seja, a “coisificação” da representação, isto é, transformar a representação no efeito estético, naquilo de grande valoração, em uma satisfação almejada e alcançada graças ao texto ficcional.

O título do comentário é reforçado logo no começo do breve comentário do internauta, sendo que ele afirma que essa ficção, no caso *K.: relato de uma busca*, seja a mais real que ele já tinha lido. Por meio destas palavras fica explícita a relação entre ficção e realidade, compreendida e estabelecida pelo participante da *Skoob*. Em sua próxima frase, ele chega a nomeá-las de *universos* e que elas – realidade e ficção – caminham de mãos dadas do início ao final, o que coincide com a segunda parte do título do autor e as reticências empregadas no final dele – “[...] Talvez nem tão duro assim [...]”.

Poderíamos, nós, também leitores de Kucinski, e do comentário representado na figura acima, inferirmos que as representações feitas na obra são sinceras, duras, mas que diante de todo o contexto e sofrimento no período da ditadura civil-militar este é o relato de apenas uma parte, que, nas palavras do comentarista, poderiam ser compreendidas como “amenas”, pelo fato de não ser “[...] tão duro assim mas...”, ou seja, por não conseguir abranger tudo que aconteceu nesse período. Essa percepção da realidade dentro da ficção também é diagnosticada por demais internautas da *Skoob*, como, por exemplo, o autor do trecho representado na Figura 02.

Figura 02 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

K. - Relato de uma busca, foi escrito por Bernardo Kucinski e trata-se de uma história que ao mesmo tempo em que é verídica também é uma ficção. O livro retrata a busca incansável de um homem pela sua filha que simplesmente desapareceu da faculdade onde lecionava. A filha era professora de Química e desapareceu durante a Ditadura Militar. Como eu disse, o livro é real e também ficcional. Digo isso pela história da irmã do autor que também desapareceu durante a Ditadura Militar.

Fonte: SKOOB, 2019.

No trecho do comentário representado acima, seu autor evidencia que a história ali retratada é ao mesmo tempo verídica e ficcional. Em outras palavras, salientamos que este



leitor de Kucinski, participante da rede *Skoob*, afirma, assim como o comentarista da Figura 01, que há veracidade nessa obra ficcional, que ela é baseada em fatos verídicos, reais. Este parecerista acrescenta, em nova frase, que o livro faz uma retratação de um homem que incansavelmente busca pela sua filha que desapareceu.

Ao continuar seu comentário, o internauta da *Skoob* reforça novamente sobre o fato de o livro ser ficcional, mas também real. A retomada dessa relação é realizada por este indivíduo porque, anteriormente, ele afirmou que a filha que desapareceu era professora de Química e desapareceu durante a ditadura militar. Ao fazer tais afirmações, o comentarista menciona sobre os fatos da história da irmã de Bernardo Kucinski, vítima desaparecida durante a ditadura militar e que, portanto, permite ao leitor estabelecer a relação entre estes fatos reais e a história narrada em *K.: relato de uma busca*. Afinal, conforme Zilberman (1989) já afirmou em seus estudos, o texto depende também dos sentidos que o leitor deposita nela, haja vista que a compreensão e a interpretação são realizadas pelo receptor do texto.

Figura 03 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

**A ditadura civil-militar em romance**

É difícil acertar de primeira, mas não para todos: o Prof. Kucinski estreou soltando este colosso já clássico da literatura romanesca brasileira, com qualidade literária notável. Acompanhamos a agonia de K. (a coincidência com a personagem de "O Processo" de Kafka não é à toa) em busca de sua filha, soterrada pela ditadura militar.

Livro festejado mundo afora que resgata um debate antigo: por que fala-se tão pouco desse período no Brasil? Talvez porque não foi um golpe puramente militar, mas sobretudo civil, com apoio de grande parte do povo e da mídia dominante. E assumir responsabilidades e erros não é tarefa fácil.

Fonte: SKOOB, 2019.

O internauta autor do trecho que aparece na Figura 03 logo no título, que ao nosso ver é simples, mas convidativo, permite-nos identificar a presença da representação da realidade (“ditadura civil-militar”) – na ficção (“romance”). Logo no início de seu comentário, este internauta já dispara que Bernardo, ou como ele mesmo afirma, “o Prof. Kucinski” acerta de primeira, mesmo que isso seja difícil. Percebemos, então, que também este receptor de *K.: relato de uma busca* passou a ser um apreciador favorável desse romance literário, e de seu autor.

Ainda na primeira frase, esse participante da *Skoob* nomeia *K.: relato de uma busca* como *colosso*, que, em verdade, significa algo com proporções gigantescas, e ainda



acrescenta que este livro já é um clássico da literatura romanesca brasileira, com qualidade literária notável. Diante disso, enfatizamos que esse receptor da obra de Kucinski não só identificou a relação da realidade da ditadura civil-militar nesta ficção, mas também julga que o autor conseguiu fazê-la com apreciável e considerável qualidade literária.

Na sequência de seu comentário, esse internauta da *Skoob* afirma sobre a agonia de K. durante a busca pela sua filha, que, conforme este leitor de Kucinski corrobora, foi soterrada pela ditadura militar. Quando menciona o nome de K., o comentarista abre um parêntese e estabelece uma relação interdiscursiva com *O processo*, de Franz Kafka, devido à coincidência do nome dos personagens de ambas as obras, e ainda acrescenta que não é à toa que isso acontece.

Que a história de *K.: relato de uma busca* é impactante e envolve tristeza, mistério, suspense e perseguição, isso já sabemos. No entanto, também em *O processo* deve haver tais características, ou semelhantes, já que uma relação é estabelecida entre os dois personagens. Pois bem, no romance Kafkiano é narrada a história de Josef K., ou simplesmente chamado também de K.. Ele é um dedicado bancário que, em virtude de seu empenho e sucesso profissional, cresce na empresa na qual trabalha e conquista um cargo de confiança e responsabilidade maior. No entanto, quando completa 30 anos, seu quarto é invadido por dois guardas, que alegam estarem ali mandados por alguém, prendem-no e tomam seu café da manhã. E assim começa o pesadelo de Josef K., que foi detido sem saber o porquê, pois não havia feito mal a ninguém. Portanto, o autoritarismo, o abuso de poder, é um elemento que está presente em ambas as narrativas, e foi percebido por este leitor, que identificou esta verossimilhança.

Enfim, esse tipo de ficção faz com que o leitor esteja atento, concentrado às novidades, às informações, às pistas, ao novo, o que nos permite relacioná-la à existência de uma indústria cultural que produz informações imbricadas às obras literárias baseadas em determinados fatos reais, como os relacionados à ditadura, por exemplo, que é nosso caso de investigação. Martín-Barbero (1997, p. 82) define isso como “o lado enigmático da atualidade cotidiana”. Ele acrescenta, ainda, que nessa produção de informações está “uma ficção na qual predominará o realismo.”.

No segundo parágrafo de seu comentário representado na Figura 03, o internauta da *Skoob* afirma que o romance de Kucinski fora festejado mundo afora, o que nos permite presumir que ele foi traduzido para outras línguas (e de fato foi) ou então que pelo menos



teve alcançabilidade no exterior. Em seguida, afirma que *K.: relato de uma busca* resgata um debate antigo, e o internauta da *Skoob* então levanta um questionamento: “por que fala-se tão pouco desse período no Brasil?”. Ele mesmo responde, cogitando que é porque a ditadura não foi apenas militar, mas também civil, pois teve apoio de grande parte do povo e da mídia dominante. Por fim, esse comentarista afirma que a ditadura civil-militar foi um erro, e assumi-lo é algo difícil de se fazer, o que vem a ser uma das razões pelas quais esse assunto é pouco abordado.

Figura 04 – Comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

**Livro onde a realidade é a ficção se misturam.**  
 “Tudo ali escrito foi ficção ao mesmo tempo em que foi verdade.  
 É impossível não se emocionar com a dor dos familiares de pessoas desaparecidas durante a ditadura militar e o relato contido nesse livro é emocionante.”

Fonte: SKOOB, 2019.

Já no título do internauta da *Skoob* autor do trecho representado na Figura 04 notamos que ele percebeu e destaca a mistura entre realidade e ficção presente em *K.: relato de uma busca*. Sua primeira frase ressalta o que ele afirma no título de seu comentário, de que aquilo que está escrito no livro de Kucinski se mistura com a realidade. Essa ficção é, portanto, um registro disso, o que Figueiredo (2017) denomina de arquivamento, ou seja, registrar na literatura vivências da realidade a fim de que este assunto tenha maior alcançabilidade dentre as pessoas. A isto acrescentamos que textos ficcionais, como o romance de Kucinski, são também experimentos que carregam em si uma representação, um constructo, que é atualizado pelos leitores durante o processo de leitura.

De acordo com Iser (1996b, p. 131), “o experimento é para nós, hoje, uma ficção heurística que, tal como descrita por Bacon, estabelece um constructo que tem uma finalidade, uma descoberta esperada mediante a antecipação.”. Logo, a ficção não pode ser entendida nem como fraude e nem como mentira. Ela, justamente por deixar claro que é uma representação e/ ou uma invenção, carrega em si uma transparência do que é. Ela não é necessariamente uma verdade da realidade, mas sim do que ela (a ficção) é, ou seja, uma coisificação da representação (denominação nossa) – uma representação e sua possível coisificação de um outro – no caso, a realidade.



Essa representação da realidade da ditadura militar na literatura é algo que desperta emoção e sensibilização em muitos leitores, que é o que afirma o internauta da *Skoob* cujo trecho de seu comentário é representado na Figura 04. Para ele, “É impossível não se emocionar com a dor dos familiares de pessoas desaparecidas durante a ditadura militar [...]”. Logo, percebemos que a este receptor de *K.: relato de uma busca* foi impactante e ao mesmo tempo doloroso saber sobre a dor dos familiares de pessoas desaparecidas. É perceptível também que o internauta da *Skoob* relaciona estes acontecimentos ao que é narrado no livro de Kucinski, pois afirma que nele consta um relato a respeito dessa realidade.

Diante disso, lembramos das palavras de Martín-Barbero (1997, p. 80), mesmo que este as tenha empregado em outro contexto, no de seus estudos sobre mediações: “a descoberta dessa experiência outra que a partir do oprimido configura alguns modos de resistência e percepção do sentido mesmo de suas lutas.”. Relacionamos essas asseverações às ficcionalizações a respeito das vítimas da ditadura, aos que se sensibilizaram com o que aconteceu àquelas pessoas, que, em seu desespero, experienciam na narrativa uma forma de resistir ao esquecimento do passado. *K.: relato de uma busca* é um meio que Bernardo Kucinski encontrou para resistir e lutar pelo não esquecimento dos acontecimentos relacionados às vítimas da ditadura. Também o internauta da *Skoob*, cujo trecho de seu comentário é representado abaixo, na Figura 05, registra suas percepções sobre essa realidade representada na literatura por Kucinski.

Figura 05 – Parte de comentário de internauta da *Skoob* sobre a realidade e a ficção no livro

É ficção, “mas (quase tudo) aconteceu”. Eis a triste epígrafe do livro. O vento não passa, não existe céu livre ou brisa que desfralde o azul. Mas K. persiste. Embora lá fora, o radinho de pilha anuncie: “Noventa milhões em ação/prá frente Brasil...” Anuncia. Mas cala o coração dos pais despedaçados em busca de uma única notícia sobre os filhos desaparecidos. É que, enquanto a bola rola, o pau-de-arara mata, cerra a cortina sobre os corpos fatiados, postos em compotas, em pedaços.

Fonte: *SKOOB*, 2019.

No trecho representado na Figura 05 há, de início, a menção da epígrafe do livro: “É ficção, ‘mas (quase tudo) aconteceu’”. Em seguida, esse internauta da *Skoob*, metaforicamente afirma que K. persiste, mesmo diante dos ventos que não passam, ou seja, que há desafios e obstáculos contínuos até que ele consiga chegar ao céu azul ou brisa



que antecedem ao azul, isto é, ao seu objetivo final, que é descobrir o que aconteceu com sua filha desaparecida.

Em tom ainda conotativo, esse receptor de *K.: relato de uma busca* vai afirmar que mesmo K. angustiado na tentativa de encontrar sua filha e passando por inúmeros desafios, assim como demais familiares de vítimas da ditadura, a maioria das pessoas do país estava preocupada com a vitória do tricampeonato da seleção brasileira masculina de futebol, cuja marchinha “Noventa milhões em ação/prá frente Brasil...”, de Miguel Gustavo, representava esse momento de conquistas. Logo, a comemoração de muitos diante da conquista futebolística encobria e ocultava o sofrimento das vítimas da ditadura militar.

Dando sequência ao seu comentário, esse internauta da *Skoob* continua acentuando sobre o sofrimento de muitas pessoas devido às perseguições e torturas sofridas pelas vítimas da ditadura, cujos familiares ficavam angustiados com os desaparecimentos misteriosos de filhos, dentre outros entes queridos. Nas palavras do autor do trecho representado na Figura 05, a marcha considerada na época o hino semioficial do Brasil diante da vitória no futebol “cala o coração dos pais despedaçados em busca de uma única notícia sobre os filhos desaparecidos”, que é o que desencadeia o enredo principal de *K.: relato de uma busca*.

Ainda insistindo em sua tentativa de mostrar os dois lados do Brasil naquela época diante da vitória do Brasil no futebol e da perseguição pela ditadura cívico-militar, o internauta da *Skoob* chega a afirmar que “enquanto a bola rola, o pau-de-arara mata, cerra a cortina sobre os corpos fatiados, postos em compotas, em pedaços.”. Ele corrobora, de uma forma bem enfática, mencionando objetos que se destacam em ambos os cenários citados por ele, que, enquanto muitos comemoram a conquista no futebol, outros choram e sofrem escondidos devido à ditadura civil-militar, sem serem enxergados por grande parte da sociedade.

Diante deste cenário que inclusive engloba os meios de comunicação, os quais mostravam incisivamente a conquista do Brasil no futebol, mas não transmitiam os acontecimentos relacionados às vítimas da ditadura civil-militar, somos incitados a mencionarmos sobre a força das mídias e da política já naquela época. Martín-barbero (1997, p. 282) já evidenciava em seus estudos que “o político é justamente a emergência da opacidade do social enquanto realidade conflitiva e cambiante, emergência esta que se



realiza através do incremento da rede de mediações e da luta pela construção do sentido da convivência social.”.

Portanto, a rede de mediações deve mostrar também a realidade conflitiva e cambiante, ou seja, as mudanças e os diferentes episódios que emergem na nossa sociedade. Nestas circunstâncias, as narrativas baseadas em casos relacionados a períodos históricos, como a ditadura militar, por exemplo, estão, mesmo que não tão nitidamente, abordando não apenas um contexto histórico, mas também social e inclusive político. E é a falta de propagação de informações relacionadas à ditadura que o autor do trecho da Figura 05 parece sentir falta.

### Considerações Finais

Em vista às investigações realizadas, concluímos principalmente que de nada adiantaria Kucinski realizar o registro dos fatos por meio de *K.: relato de uma busca* se não houvesse quem o recebesse. No entanto, os leitores da *Skoob*, as quatro publicações de *K.: relato de uma busca* e suas traduções para outras línguas provam que esta obra contemporânea atingiu e conquistou considerável público, e, ao que tudo indica, ainda continua sendo recebida por demais leitores, possivelmente prefigurados por Bernardo, mas ao que tudo indica a obra conquistou um público considerável, que vai além do esperado pelo autor.

Por meio de *K.: relato de uma busca*, Kucinski foi recebido em vários lares, e alguns destes leitores lançaram no mundo virtual por meio da *Skoob* suas principais percepções a respeito do livro. Comentários estes que permitiram nossas análises, assim como as teorias da estética da recepção de Jauss (1994) e do efeito estético de Iser (1996b, 1999a), as quais visitamos e revisitamos inúmeras vezes, e a cada novo contato nos deixavam mais fascinados pelas suas abordagens.

Percebemos que cada um dos internautas da *Skoob*, receptores de *K.: relato de uma busca*, identificaram aspectos diferentes em suas leituras, pelo menos é o que indicaram as manifestações realizadas por eles nesse dispositivo de mediação virtual. Muitos também registraram comparações entre o livro de Kucinski e outros autores, dentre os quais se sobressaiu Kafka. As semelhanças entre as obras dos dois autores vão muito além para o fato de que nos livros desses dois autores a personagem principal possui o mesmo “nome”



- K. Ambos os autores narram sobre absurdismos vividos por pessoas que sofrem com a perda, o medo, as maldades cometidas por outros. Enfim, *K.: relato de uma busca* é uma narrativa que representa também uma forma de arquivamento, um receptáculo ficcional que parte de uma realidade muito próxima ao autor Bernardo Kucinski.

## Referências

BEZERRA, Kátia da Costa. *Que bom te ver viva: vozes femininas reivindicando uma outra história*. **Revista estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 43. p. 35-48, jan/jun 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n43/03.pdf>. Acessado em 13 de junho de 2024.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 14. ed. Petrópolis, RS: Vozes, 2014.

ISER, Wolfgang. **A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção**. Tradução de Maria Angela Aguiar. Porto Alegre: Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Volume 3, Número 2, 1999b.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999a.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1996b.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996a.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KUCINSKI, Bernardo. **K.: relato de uma busca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Clarissa Grahl dos. **Das armas às letras: os militares e a constituição de um campo memorialístico de defesa à ditadura empresarial-militar**. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis - SC, 2016.

SKOOB. <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/207967/edicao:426975>. Acessado em 01 de junho de 2024.



ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

